

## Sobre a vida e obra de Melanie Klein

PEDRO LUZES \*

Melanie Klein, sendo de enorme importância teórica e técnica para os psicanalistas de crianças e adultos e para a psicologia geral do desenvolvimento, não é autor de fácil acesso. As suas obras completas foram reunidas recentemente em quatro grossos volumes, publicados na *International Psycho-Analytical Library*. Essa edição ordenada cronologicamente e apresentando algumas notas editoriais no final dos volumes, não é totalmente esclarecedora para psicanalistas e ainda menos para o leitor não especializado. Está ainda por publicar um trabalho definitivo sobre a obra de Melanie Klein (comparável por exemplo com a obra de Ernest Jones sobre Freud) embora ela seja considerada, por grande número de psicanalistas, a segunda grande figura da Psicanálise.

As dificuldades postas pela leitura de Melanie Klein resultam em primeiro lugar de os seus trabalhos descreverem problemas que só podem ser correctamente avaliados por pessoas que utilizem uma técnica semelhante à sua — é o que se passa com os relatos referentes à análise de crianças.

Em segundo lugar datando os seus primeiros trabalhos da segunda década do presente século, o avanço teórico que existia na época tornava

impossível a recapitulação de todas as informações sobre os assuntos tratados. Desse modo as suas obras partem de uma posição adiantada que o leitor não especializado não está em condições de acompanhar.

Em terceiro e último lugar, por temperamento, Melanie Klein procurava aprofundar as suas ideias de acordo com um ângulo de visão estritamente pessoal; a sua perspectiva era mais intuitiva, subjectiva, mesmo artística, do que metódica e discursiva. A sua intenção não era convencer ou conquistar adeptos para os seus pontos de vista — ao contrário de Freud que apreciava as exposições didácticas e sistemáticas o que o levou a escrever longas obras sobre vários assuntos. Os trabalhos de Melanie Klein são na sua maioria curtos e condensados. Raramente escreveu trabalhos com intuito de divulgação.

Muitas destas dificuldades de abordagem da Psicanálise existem, em graus variáveis, para a maioria dos autores posteriores a Freud. A Psicanálise pós-freudiana tende a tornar-se o assunto especializado, em que o leigo, apesar da sua curiosidade, não consegue penetrar. A maioria dos livros de vulgarização que continuam a publicar-se sobre Psicanálise são baseados na obra de Freud e praticamente ignoram, ou são forçados a deixar de lado, as contribuições dos seus sucessores. Os seguidores de

\* Psicanalista. Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Professor no I.S.P.A. e Assistente no Curso Superior de Psicologia, Universidade de Lisboa.

Freud, que sem fazer divulgações, ou trabalhos de pura revisão, são susceptíveis de ser lidos por qualquer pessoa, são em número limitado (Jones, Reik, Reich, Spitz, Erikson, Winnicott, alguns livros de Anna Freud e pouco mais).

Melanie Klein nasceu em Viena a 30 de Março de 1882. Morreu em Londres em 1960 (22 de Setembro). Tanto do lado paterno como materno a sua família era de origem judaica sendo o pai muito mais velho do que a mãe. O pai, vindo de um meio ortodoxo judeu, fora treinado para se tornar um estudioso do Talmud. Mas aos 37 anos revoltou-se, foi estudar na Universidade e tornou-se médico. Aos 44 anos o pai de Melanie Klein, de apelido Reizes, casou com uma jovem de 25 anos da qual teve quatro filhos.

Melanie era a mais nova dessas quatro crianças. A sua infância e juventude foram entristecidas pela doença e morte de dois dos seus irmãos. Primeiro a de uma irmã, Sidonie, que morreu com 9 anos quando Melanie tinha 5 anos. Sidonie esteve acamada durante 1 ano e passou grande parte desse tempo procurando ensinar Melanie, transmitindo-lhe os conhecimentos que tinha podido alcançar. Melanie recebeu esta herança com gratidão e para agradecer à irmã aprendeu a ler, a escrever, antes dos 5 anos. Mais tarde factos semelhantes vieram a passar-se com o irmão Emmanuel, mais velho que Melanie 5 anos. Emmanuel tinha uma doença cardíaca e esperava-se que viria a morrer cedo. Isto aconteceu quando tinha 25 anos. Sendo um rapaz dotado, interessado em arte, literatura e música, com talentos incipientes de escritor e pianista, procurou encorajar em Melanie um interesse pelas artes, interesse esse que de facto durou toda a vida desta.

Melanie, cujo apelido de solteira era Reizes como se disse, casou com um engenheiro químico, Arthur Klein, quando tinha 21 anos. O casal teve três filhos. Embora tivesse entrado para a Universidade, primeiro com intenção de fazer estudos médicos, depois estudando Arte e História, Melanie Klein nunca chegou a completar um curso.

A família viajava muito devido à profissão de Arthur Klein, tendo-se estabelecido em Budapeste um pouco antes do eclodir da I Guerra Mundial. Tendo lido por acaso um livro de Freud, começou a interessar-se pela Psicanálise e fez análise com Ferenczi durante vários anos. O seu primeiro trabalho científico foi apresentado à Sociedade Psicanalítica de Budapeste em 1919 e publicado em 1921 (*O Desenvolvimento de uma Criança*).

Em 1921 Arthur Klein foi para a Suécia e Melanie com os seus três filhos ficou em Berlim. Esta separação acabou por levar a um divórcio em 1923, não tendo nunca Melanie voltado a casar.

Em Berlim continuou a tratar crianças, tendo como seu primeiro caso um rapaz de 5 anos que exprimia as suas angústias e fantasias utilizando brinquedos. Ela tentou interpretar o que ele dramatizava através do seu brincar, seguindo uma técnica próxima da técnica utilizada por Freud para a análise de sonhos. Estava assim descoberta a análise do brincar da criança (*play technique*) a qual será exposta sistematicamente no livro *A Psicanálise das Crianças* (1932). A principal constatação que resulta do trabalho desta época berlinesa é a importância do impulso agressivo na vida mental da criança e riqueza do material simbólico que o brincar infantil manifesta.

Em Berlim ainda fez mais análise didáctica com Karl Abraham, análise que foi interrompida pela morte de Abraham em 1925. Em 1926 foi convidada por Ernest Jones para se instalar em Londres, para divulgar entre os analistas ingleses o seu método de análise de crianças.

Por volta de 1930 começa a analisar tanto crianças como adultos, e o seu trabalho expande-se apresentando novas hipóteses num campo mais teórico que técnico. Propõe a opinião de que no Eu da criança se estabelece um mundo de objectos internalizados, que por um jogo complexo de introjecção e projecção vai moldar as percepções do mundo externo e vai ser moldado por elas. Devido à forte agressividade que a criança vive, o Eu é abalado por fortes angústias de tipo psicótico, que, caso não sejam

modificadas, são o ponto de regressão das psicose na idade adulta da vida.

Certas figuras internas de carácter persecutório dão origem a um Super-Eu precoce, diferente do Super-Eu, herdeiro do Complexo de Édipo, descrito por Freud. O próprio Complexo de Édipo é visto depois pelo estudo directo da criança, como tendo uma instalação mais precoce do que fora indicado por Freud. A sua aparição segue de perto o desmame, em geral feito por volta dos 6 meses de idade, quando começam a aparecer os primeiros dentes.

Estas observações e princípios são apresentados em trabalhos curtos e também na sua obra mais longa e sistemática *A Psicanálise das Crianças* (1932). Resultou este livro dos cursos e seminários realizados em Inglaterra, para os analistas que junto dela procuraram aprender a teoria e técnica da análise precoce.

De 1935 a 1946 Klein publica três dos seus mais importantes trabalhos, em que vai marcar uma modificação importante dos seus pontos de vista: *Uma Contribuição para Psicogénese dos Estados Maníaco-Depressivos* (1935). *O Luto e as Suas Relações com os Estados Maníaco-Depressivos* (1940) e *Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides* (1946). Estes trabalhos pouco extensos (de cerca de 30 páginas cada) embora continuando na linha das investigações de Freud e Abraham foram considerados afrontosamente heréticos e revolucionários. E de facto tanto pelo seu conteúdo, como pelo modo assertório como eram propostos, vinham transtornar os hábitos mentais de muitos analistas que, insensivelmente, vinham transformando a teoria psicanalítica num novo academismo.

Não é aqui o lugar de apresentar em detalhe esses artigos tão densos de Klein<sup>1</sup>. Bastará indicar que sem abandonar a ideia de Freud e Abraham, da evolução da libido através de estádios psico-sexuais, distingue como fundamentais duas «posições» na evolução da criança.

<sup>1</sup> Noutro local, numa contribuição para o segundo volume de uma obra de vários autores sobre *Desenvolvimento Psicológico da Criança*, editado por Moraes, Editores, tento balizar os pontos mais importantes da revolução kleiniana.

O termo «posições» em vez de estádios do desenvolvimento, é usado para indicar que se trata de fases que não são nunca completamente ultrapassadas — o que também era um pressuposto, embora de modo menos explícito, da teoria psicanalítica anterior. As duas «posições» são marcadas por angústias específicas, por mecanismos psíquicos bem diferenciados, que até Klein não tinham sido claramente descritos:

a) Posição esquizo-paranoide, predominante durante os 3 a 6 primeiros meses de vida, com impulsos destrutivos, angústia persecutória e tendência para a clivagem e identificação projectiva;

b) Posição depressiva, sobrepondo-se à anterior, com integração da mãe num objecto total, angústia de tipo depressivo, tendência para utilizar cada vez mais o mecanismo de reparação, que está na base das relações objectais estáveis e das sublimações.

Nas «posições» descritas por Klein, como se vê, não está só implícita a libido, mas igualmente a sua combinação com os impulsos agressivos.

Esta época da vida de Melanie Klein, sendo a mais criadora, foi também aquela em que esteve pessoalmente sujeita a maior *stress* e desgaste.

Por um lado desgostos de natureza familiar. Em primeiro lugar morreu-lhe o segundo filho, num acidente de alpinismo (1934). A sua filha mais velha, Melita Schmeideberg, formada em Medicina e futura psicanalista, depois de uma análise com Edward Glover, incompatibiliza-se com a mãe.

Mais ou menos pela mesma época começam a chegar a Londres os analistas vienenses, forçados a exilar-se pelas perseguições anti-semitas dos nazis.

O grupo vienense estabelecido em Londres vem a ser encabeçado por Anna Freud, com todo o carisma do nome paternal. Anna Freud, que também enveredara pela análise infantil, afirmava a impossibilidade de empregar uma técnica analítica pura para as crianças (como queria Klein), e defendia a utilização de determinadas influências de ordem sugestiva e edu-

cativa. Além disso mantinha para o desenvolvimento da criança toda a cronologia estabelecida por Freud, a partir do trabalho executado com adultos.

Este grupo «anna-freudiano» procura retirar a Klein o apoio que até então tinha alcançado da maioria dos psicanalistas ingleses. E de início parece conseguiu-lo. Em torno de Klein fica um grupo limitado de «kleinianos». Contra ela constitui-se uma oposição que procura demonstrar que as suas inovações são «heresias» semelhantes às de Adler, Rank, Steckel e Jung, que acabarão por arruinar o edifício da Psicanálise se não se decretar a sua condenação.

Sob as bombas do *Blitzkrieg*, travam-se lutas tempestuosas no seio da Sociedade Britânica de Psicanálise. A cisão entre «kleinianos» e «anna-freudianos» é evitada, a muito custo, devido ao espírito de compromisso de Jones e dos analistas ingleses, e convém também acentuar, devido à serenidade, de Mrs. Klein, que sem recuar um passo nas suas opiniões, praticamente não responde ao grupo rival. Na verdade nunca se sentiria em desacordo com a posição freudiana. O seu fito nunca fora contestar as descobertas de Freud, mas apenas se vira forçada a alargá-las devido à aquisição de novos dados de observação.

A controvérsia acalmou-se por volta de 1946. Depois de amainado este torvelinho, foi possível constatar o estado do problema: a luta travada tinha sido inglória para os discípulos de Anna Freud, pois quase todos os analistas ingleses tinham sido contagiados pelo «vírus» kleiniano. Tinham-se formado analistas, que não sendo discípulos directos de Melanie Klein, se mostravam influenciados de maneira importante pelas suas teorias e tinham posições de destaque na Sociedade Britânica de Psicanálise. Para já não falar de Ernest Jones, fundador e decano da Sociedade Britânica, figuras de grande importância vinham confessar a sua dívida a Melanie Klein: Winnicott, Fairbairn, Guntrip, Brierly e muitos outros. A própria Anna Freud em vários detalhes (maior precocidade atribuída ao Complexo de Édipo, renúncia às técnicas pedagógicas ou aliciadoras da

criança) viria a aproximar-se, em certo grau, das posições kleinianas, com o decorrer dos anos.

A partir de 1946 a influência de Melanie Klein deixou de estar limitada à Grã-Bretanha. Numerosos analistas estrangeiros vindos para trabalhar em Inglaterra após a guerra, seguiram os ensinamentos de Klein, e espalharam a sua influência principalmente na América do Sul (onde todas as Sociedades Psicanalíticas são kleinianas), nos países europeus, e mesmo na América do Norte onde a influência dos emigrados vienenses e alemães mais se fazia sentir.

Nos seus últimos anos Melanie Klein continuou a publicar trabalhos importantes entre os quais salientarei *Inveja e Gratidão* (1957) e *Narrativa de Uma Análise Infantil* (que só apareceu em 1961, depois da sua morte). Também de modo simétrico com Freud, que encontrara a confirmação das suas teorias na tragédia do Édipo-Rei de Sófocles, Melanie Klein através do *Estudo Psicanalítico da Oresteia de Esquilo* (1963) vai encontrar surpreendentes confirmações das suas conjecturas na obra de outro grande poeta trágico.

Antes de Melanie Klein a clínica psicanalítica baseava-se sobre a influência exercida pelas vicissitudes da experiência infantil no psiquismo do adulto. Mas havendo poucas observações sistemáticas feitas em crianças, a realidade da vivência infantil era apenas conhecida através da recordação deixada no espírito adulto — que poderia deformar.

Melanie Klein, usando pequenos brinquedos, através dos quais as crianças podiam manifestar os seus desejos e fantasias, o desenhar, e de uma forma geral o brincar da criança (*play technique*) tornou acessível o mundo psíquico das crianças. A sua técnica era aplicável a partir da idade de dois anos e meio até às épocas em que a verbalização era já possível, como nos adultos. Não admira que nessas circunstâncias, um grande número de analistas tivessem procurado aprender e dominar os processos de *play technique* propostos por Melanie Klein, que abriam novas vias para a investigação psicanalítica.

Um dos resultados teóricos mais importantes que a nova técnica trouxe, foi mostrar que a criança adoece mais precocemente do que supusera Freud. Por exemplo, Rita, citada no livro *A Psicanálise das Crianças*, tinha aos dois anos e oito meses uma neurose obsessiva. Isto estava em contradição com as suposições de Freud — que o núcleo de todas as neuroses ou alterações caracteriais era o Complexo de Édipo, desenvolvido entre os 5 e 8 anos. A partir daí se poderiam produzir regressões a fases mais atrasadas do desenvolvimento emocional. Mas o que seria activado por essas regressões, segundo Freud, seriam instintos de carácter mais ou menos auto-erótico e narcísico e não certas formas de relações objectais precoces.

A importância das relações precoces materno-infantis foi mais tarde confirmada por observações experimentais ou longitudinais directas, realizadas por Spitz, Bowlby e outros. Porém cabe a Klein o mérito de ter pela primeira vez posto em relevo a vinculação prematura da criança à mãe, independentemente das relações que ela virá a estabelecer mais tarde com o casal formado pela mãe e pai.

A noção da «posição depressiva» de Klein foi confirmada por muitos dados de observação recolhidos por autores não-kleinianos. As observações de Spitz sobre a «angústia do oitavo mês» e sobre as «depressões anaelíticas» da criança; a dependência que o bebé e a criança jovem mostram em relação à mãe, a capacidade de autolimitarem a sua agressividade ou de voltarem contra elas mesmas — são elementos que, como muitos outros, mostram a realidade da «posição depressiva».

Mais difícil é demonstrar a existência da fase esquizo-paranoide. Não há dúvida que a criança vive inicialmente estados afectivos desintegrados (esquizoídia); que tende a mostrar uma agressividade e raiva por vezes intensa em face de frustrações; que projecta sobre o mundo exterior a causa e razão dos prejuízos sofridos. A criança considera «maus» uma mesa, uma pedra, uma pessoa com quem chocou ou se magoou, por inadvertência própria. Mas poderá objectar-se que esses fenómenos não são tão sistemáticos

como Klein os descreveu, e que a criança só vive no mundo atemorizador que esta pintou para os primeiros meses de vida, caso lhe falem os cuidados maternos adequados.

Klein ela própria no trabalho de 1958, *Sobre o Desenvolvimento do Funcionamento Mental*, admitiu que as figuras terroríficas descritas para a fase esquizo-paranoide ficariam clivadas do Eu e Super-Eu, para serem apenas activadas em casos em que o curso do desenvolvimento fosse gravemente alterado, por factores externos ou internos.

Como elementos que hoje poderíamos avaliar mais criticamente na obra de Melanie Klein haveria a sua tendência para situar certas constelações psíquicas em fases cada vez mais precoces da evolução psíquica infantil. Por exemplo, a fase depressiva tal como é descrita no livro *A Psicanálise das Crianças* (1932) evolui desde o período anal até praticamente à puberdade. No trabalho de 1952 *Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê*, pelo contrário, todo o problema da posição depressiva é resolvido no primeiro ano da vida da criança. Esta prematuridade atribuída às suas «posições» descritas por Klein, parece uma reconstrução um pouco arbitraria.

Será esta alteração dos seus esquemas primitivos um desafio ao conformismo dos seus próprios discípulos, ou o reflexo de uma audácia especulativa comparável à que Freud demonstrou no último período da sua vida? De qualquer modo, se a compararmos a Freud, seremos levados a admitir que Klein é capaz de ter mais razão do que nós lhe atribuímos, em face de opiniões (que nos parecem) menos cuidadosamente fundamentadas.

Muitas vezes perante as descobertas dos investigadores da mente, convém também perguntar quais as razões psicológicas que os impulsionaram para essa via científica e que motivaram a escolha de certos capítulos do domínio por eles cultivado. Trata-se de aplicar o método psicológico ao próprio psicólogo — inovação também trazida pela Psicanálise.

Ao contrário do que se passa com Freud, sobre quem possuímos correspondências ínti-

mas, revelações de factos conservados secretos da sua biografia, faltam-nos dados acerca de Melanie Klein. Isto devido certamente ao facto de muitas das pessoas que com ela privaram ainda estarem vivas. Podemos no entanto arriscar algumas suposições, com fundamento nos factos que nos são acessíveis.

O seu interesse pela infância foi provavelmente devido às provações e lutos sofridos sucessivamente em épocas particularmente sensíveis do seu crescimento. A longa análise didáctica efectuada primeiro com Ferenczi e depois com Abraham, deve-lhe ter despertado a atenção para a riqueza e precocidade da gama de sentimentos que a criança atravessa. A posição depressiva por ela descrita terá sido uma experiência sentida profundamente na sua própria evolução. A depressão infantil que podemos supor em Klein estaria ligada à noção que a própria agressão teria provocado onnipotentemente a doença ou morte de pessoas queridas. Ou perante a situação de abandono que deve ter sentido com essas mortes terá autolimitado a sua agressividade, sentida como daninha. Apesar de objecto de muita frustração, nunca Klein reagiu com violência.

Tendo conhecido pessoalmente Klein, nos Congressos de Psicanálise e mais de perto em outras ocasiões, o que mais me impressionava nela era a combinação de grande afabilidade e bom humor com uma concentração bastante exclusiva sobre os assuntos relativos às suas investigações. Tudo o que dizia denotava pouca preocupação com uma vontade de transmitir um ensinamento ou um método. Antes evidenciava a riqueza da sua visão interior, mas sem inquietações em traduzir essa visão interior de modo acessível a todos. Num dos seus últimos ensaios *Acerca do Sentimento de Solidão* (1962) ela comenta: «embora possa ser muito gratificante, mais tarde na vida, exprimir os nossos pensamentos e sentimentos a uma pessoa que nos compreenda, continua a existir em nós uma aspiração a uma compreensão sem palavras». Esta aspiração é identificada por ela como resultado de um desejo de reencontrar

um estado interno, perfeito e inatingível, de comunhão com o bom objecto.

Portanto na minha interpretação a depressão sofrida na infância, pela impossibilidade de possuir de modo completo os seus bons objectos — por exemplo uma mãe que não estivesse demasiado preocupada com a saúde dos restantes filhos e talvez do marido — terá induzido nela um refúgio num mundo interno, em que lhe era possível realizar uma integração que a vida não lhe permitira alcançar, integração dos impulsos de amor e agressividade. Sem culpabilidades excessivas, seria então capaz de viver uma luta com os irmãos (Anna Freud e outros), para alcançar a posse da mãe não-angustiadada (a teoria analítica), merecendo em última instância a aprovação do pai (Freud) de quem finalmente se teria sentido a verdadeira sucessora.

#### RESUMO

*Em relação com a publicação recente em Inglaterra das Obras Completas de Melanie Klein, em quatro volumes, faz-se uma breve resenha da sua vida, personalidade e das principais orientações presentes na sua obra.*

#### RESUMÉ

*En rapport avec la publication récente en Angleterre des Oeuvres Complètes de Melanie Klein, en quatre volumes, on dresse un bref tableau de sa vie, de sa personnalité et des traits principaux de son oeuvre.*

#### SUMMARY

*In connection with the recent publishing of The Writings of Melanie Klein, in four volumes, some brief notes are presented on her life and personality and on the main trends of her work.*

#### REFERÊNCIAS

KLEIN, M. (1975) — *The Writings of Melanie Klein*, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, London.

Volume I *Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)*; Volume II *The Psycho-Analysis of Children*; Volume III *Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)*; Volume IV *Narrative of a Child Analysis, The Conduct of the Psycho-Analysis of Children as seen in the Treatment of a Ten-year-old Boy*.